

A Construção das Masculinidades de #Kelmiro na telenovela Terra e Paixão ¹

Talison Pires VARDIERO²

Jorge Carlos Felz FERREIRA³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O estudo analisa como são representados os conceitos de masculinidade em personagens homens que se relacionam com outros homens em Terra e Paixão, escrita por Walcyr Carrasco e exibida pela Rede Globo, no horário das 21h. O objeto da pesquisa será os personagens Kelvin e Ramiro e o recorte será a avaliação das cenas “Kelvin e Ramiro se encontram escondidos” e “Ramiro não sabe lidar com seus sentimentos por Kelvin”. Como metodologia, optamos pela Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2016; 2018). O trabalho recorre aos estudos de telenovela de Lopes (2003, 2009) e as pesquisas de masculinidade e sexualidade de Almeida (2016), Januário (2016), Miskolci (2016) e Foucault (2021). Como resultados esperados, relacionamos a forma que o estigma está presente na construção dos personagens, mas, também, no desenvolvimento de “armários” para a repressão de desejos considerados desviantes.

PALAVRAS-CHAVE: telenovela; masculinidade; homossexualidade; Terra e Paixão.

INTRODUÇÃO

Há mais de 70 anos, as telenovelas fazem parte do cotidiano da população brasileira e possibilitam que o telespectador tenha acesso aos mais diversos valores e formas de viver, sendo uma ferramenta importante para ampliar os diálogos junto a sociedade.

Dentre essa trajetória das telenovelas, desde 1971, com o personagem Rodolfo Augusto, interpretado por Ary Fontoura, na obra Assim Na Terra Como no Céu, de autoria de Dias Gomes, somos convidados a conhecer e a reconhecer histórias de personagens homossexuais - ou de homens que se relacionam com outros homens - com

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); integrante do grupo de pesquisa Diz - Discursos e Estéticas da Diferença. E-mail: talison.vardiero@gmail.com.

³ Doutor em Comunicação (UFF), professor do Dep.to de Técnicas Profissionais, Faculdade de Comunicação - UFJF. E-mail: jorgefelz@gmail.com.

as mais diversas peculiaridades e construídos a partir de visões que dialoguem com o ponto de vista social do público de cada época.

Diante desse cenário, o estudo revisita o tema “homossexualidade na teledramaturgia” e busca compreender como são representados os conceitos de masculinidade em personagens homens que se relacionam com outros homens na telenovela.

Para a análise, o objeto da pesquisa será os personagens Kelvin (Diego Martins) e Ramiro (Amaury Lorenzo), da obra ficcional *Terra e Paixão* (2023), escrita por Walcyr Carrasco e exibida pela Rede Globo de Televisão, no horário das 21h. Como recorte da investigação são avaliadas duas cenas, selecionadas a partir de repercussão em portais midiáticos e disponibilizadas na Globoplay.

A primeira delas, denominada “Kelvin e Ramiro se encontram escondidos”, apresenta uma das primeiras investidas do garçom Kelvin, explicitamente homossexual, a Ramiro. Já a segunda cena, nomeada “Ramiro não sabe lidar com seus sentimentos por Kelvin”, retrata que o sentimento que começou com insinuações, brincadeiras e apertões na cintura, acaba em uma discussão de relação, em que Ramiro revela o que sente pelo garçom, mas como não sabe lidar com o próprio desejo.

Para avaliar as cenas, usaremos como metodologia de pesquisa, além da revisão bibliográfica, a Análise da Materialidade Audiovisual (AMA), proposta por Coutinho (2016; 2018), pois permite um percurso metodológico que considera a predominância de um dos elementos do código televisual (texto, som, imagem, edição) nas etapas de descrição e análise, sem que essas escolhas, ou consciência dos limites delas resultantes, seja problematizada. Além disso, possibilita que a investigação seja feita a partir de todas as particularidades presentes e instiga a percepção de características relevadas pela produção audiovisual.

Como base para o estudo, recorreu-se, principalmente, às propostas de telenovela brasileira como uma narrativa sobre a nação (Lopes, 2003) e telenovela como recurso comunicativo (Lopes, 2009). Ainda convergiram com a pesquisa, os estudos de masculinidade e sexualidade de Almeida (2016), Januário (2016), Miskolci (2016), Foucault (2021), entre outros.

A pesquisa se justifica, pois as tramas ficcionais são ferramentas importantes para abordar as mais diferentes formas de se viver e experienciar comportamentos humanos,

entre eles, a masculinidade, conduta que reúne características em torno dos homens, que se justificariam pelo fato de pertencerem ao sexo masculino, como a agressividade, dominação e insensibilidade, por exemplo. Ainda explicitam a maneira como, muitas vezes, o homossexual, e as relações afetivas e carnavais entre pessoas do mesmo sexo, são estigmatizados pela sociedade pelo simples fato de não seguir os padrões da heteronormatividade.

Por fim, como resultados esperados, relacionamos a forma que o estigma está presente na construção dos personagens, mas, também, no desenvolvimento de “armários” para a repressão de desejos desviantes daquilo que é considerado normal, inclusive em obras ficcionais.

ESTEREÓTIPOS DE MASCULINIDADES EM CENA

As experiências sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo, apesar dos tabus, convivem e perpetuam na história da humanidade desde os tempos mais remotos, tanto que alguns dos relatos mais antigos podem ser encontrados nas narrativas egípcias, gregas, romanas e bíblicas. Entretanto, muitos anos depois, é possível conhecer histórias, ficcionais ou reais, que envolvem essa parcela da população em variados formatos, como em livros, podcasts e nas telenovelas brasileiras.

Nos mais diversos períodos da história, cada povo teve a sua própria forma de abordar a temática que, em sua maioria, reflete sobre a exacerbação das características masculinas e silenciam atributos vinculados ao feminino. Ainda permite a observação de que tais posicionamentos são ponderados a partir de alguns aspectos, como a cultura e o modo de ver da sociedade, durante determinado período de espaço e tempo.

Foucault (2012) e Almeida (2016) explicam que a homossexualidade está inserida em momentos históricos e enquadrada nas perspectivas sociais de tais povos, por exemplo, na Antiguidade Clássica. Os gregos, apesar dos aspectos que envolvem a moral, costumavam ver as relações sexuais entre homens como um rito de troca de conhecimentos, em que os mais velhos transmitiam conhecimentos aos mais jovens ao possuí-los sexualmente. (Vardiero e Campos, 2022, p. 3)

Apesar das relações entre pessoas do mesmo sexo ser um tema tão antigo quanto a história da humanidade, de acordo com Januário (2016) a masculinidade permeia as questões sobre a dominação masculina e, para o senso comum, é tida como um atributo natural do homem, bem como a agressividade, a sexualidade, a força, a dominação,

entre outras questões. “Esse tipo de pensamento cartesiano com pressupostos na natureza de um padrão de masculinidade tem servido de justificativa para condutas machistas que persistem em acompanhar as relações sociais” (Januário, 2016, p.76).

Em diálogo, Connell (2016) aponta que a masculinidade urge como uma estrutura de relações sociais em que as competências reprodutivas dos corpos humanos são o foco, mas também reflete sobre normativas de gênero e como tais regramentos criam prerrogativas para que homens estejam no centro da sociedade e tenham mulheres e grupos de outros homens como subordinados. Dessa forma, define o tema como uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero.

Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de "masculinidades". Existe o perigo, nesse uso, de que possamos pensar no gênero simplesmente como um pout-pourri de identidades e estilos de vida relacionados ao consumo. Por isso, é importante sempre lembrar as relações de poder que estão aí envolvidas. (Connell, 2003, p. 188).

Apesar da soberania da masculinidade ter começado ainda na pré-história, como cita Januário (2016), a masculinidade é percebida como uma construção feita a partir de modelos culturais que impõem um padrão normativo, sujeito à vigilância social. Entretanto, tais problematizações têm sido repensadas por meio de outras subjetividades, entre elas, classe social, etnia, idade, preferência sexual, o que possibilita pensar em masculinidades múltiplas.

Ao pensarmos nas masculinidades subjetivas e na possibilidade de preferência sexual, o trabalho de Januário (2016) nos tira de uma bolha e nos permite pensar no tema para homossexuais e, também, para homens que se relacionam com outros homens.

Para entender o histórico da masculinidade e das relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo no contexto brasileiro, é preciso fazer uma retomada no passado e apontar que as diferenças religiosas, étnicas, sociais, raciais e políticas são marcadas desde antes da invasão dos europeus, pois as comunidades indígenas desenvolveram diferentes maneiras de organização. Todavia, como aponta Trevisan (2018), apesar das variadas formas de se viver, a diversidade sexual e afetiva era

experienciada pelos índios brasileiros e, conseqüentemente, as relações entre pessoas do mesmo sexo era aceita.

Como conta Trevisan (2018), o português Pedro de Magalhães de Gândavo, em 1596, já descrevia, em algumas de suas muitas narrativas, que as relações entre pessoas do mesmo sexo se tratava de uma experiência indígena comum. Aparentemente, nas comunidades não havia noções de homem e masculinidade, o que os tornava livres dos conceitos de masculino e feminino. Nessa perspectiva, a sexualidade dos povos originários se tornou objeto de pecado e análise somente a partir da Instauração do Estado Português e da ótica cristã ocidental.

Apesar de estarmos inseridos na contemporaneidade, mais de 500 anos desde a invasão portuguesa as terras brasileiras, muitos comportamentos presentes no contexto social ainda são influenciados pelas normativas impostas por colonizadores europeus, entre eles, a violência, a aversão e o preconceito as dissidências sexuais e de gênero, pois, apesar de serem toleradas, ainda fazem com que uma parcela da população se reprima por questões diversas: contextos sociais, familiares, políticos, econômicos e outros.

Inclusive, é importante ressaltar que a ótica cristã ocidental, forçada aos povos originários pelos europeus, ainda deixa marcas que fortalecem a imposição das masculinidades no âmbito social. Segundo Januário (2016), os dogmas judaico-cristão trazem características que colocam o homem no centro, o que fortalece uma visão misógina, pois o sagrado está relacionado ao homem e o pecado sempre direcionado ao feminino e/ou a tudo que se aproxima dos atributos ligados a feminilidade, “tal como na parábola de Adão e Eva, essa relação de divindade do homem confere legitimidade a um discurso em prol da superioridade masculina” (Januário, 2016, p.82).

Nesse contexto, instituições como a Igreja e a Família fizeram movimentações para que a população não se desviasse do padrão reprodutivo e seguisse um modelo normativo sem desvirtuar do papel social, logo todos aqueles que eram diferentes passavam por provações e castigos. No Brasil, entre os anos de 1830 e 2000, em âmbito federal, havia apenas cinco leis que tratavam da temática, entre elas, a que deixou de tratar a homossexualidade como doença e a que descriminaliza a homossexualidade, criminalizada por Portugal, ao assinar o Código Penal do Império do Brasil, o qual não incluía qualquer referência a sodomia.

De acordo com Foucault (2021), a figura do homossexual aparece no século XIX, sendo que naquele período era chamado de “invertido” que, pelas atribuições de aspectos femininos, era desqualificado socialmente. Entretanto, em pleno século XXI, a imagem dos dissidentes sexuais e de gênero são vistos como repertórios negativos na sociedade, pois o coletivo ainda se organiza em torno das normativas impostas pela heteronormatividade.

Para Miskolci (2016) a heteronormatividade pode ser descrita como um tendência ocidental, que considera o padrão de relações heterossexuais (composta entre homem e mulher) e as demais como divergentes do modelo padronizado. Em diálogo, Colling (2013) acrescenta que trata-se da ordem do presente, fundamentada em uma norma heterossexual, familiar e reprodutiva. “Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero” (COLLING, 2013, p. 89).

Nesta perspectiva, dialogar com a homossexualidade e com as relações afetivas e sexuais de pessoas do mesmo sexo é fugir à regra. Como aponta Machado (2020), a homossexualidade habita corpos e identidades que existem e resistem em uma sociedade heteronormativa, com atributos supressórios, mas que finge atender a população como uma totalidade. Mesmo com os avanços sobre pautas que abordam aspectos ligados à temática, as dissidências sexuais e de gênero continuam sendo referidas como algo que escapa à normalidade. “A partir de um discurso heterocentrado, baseado em uma mitologia científica, a identidade homossexual é, portanto, desde a sua gênese, negativa” (MACHADO, 2020, p. 291).

Diante desta perspectiva, Machado (2017) reitera que os gays - ou os homens que se relacionam com outros homens - não são vistos como homens uma vez que, ao romperem com a heterossexualidade compulsória que atravessa os seus corpos, passam a ocupar lugares distintos daqueles que lhes seriam, a princípio, reservados por uma masculinidade hegemônica, definida como uma prática que legitima a posição dominante dos homens na sociedade e justifica a subordinação das mulheres e outras formas marginalizadas de ser um homem.

AFETADAS, AFEMINADAS, ENRUSTIDAS E CRIMINOSAS

De acordo com Almeida (2016), a história das homossexualidades, como de quaisquer outras sexualidades, acompanha o modo de ver da sociedade, o que demonstra que diferentes culturas e épocas, abordam temas de formas distintas e, nem sempre, é possível ter definições claras e objetivas sobre as condutas dos sujeitos que nela habitam. Esse é um comportamento que pode ser observado, inclusive, nas telenovelas.

Segundo Colling (2007), entre a década de 1970 e os anos 2000 o tema foi abordado, majoritariamente, em três divisões principais: homossexualidade associada à criminalidade; personagens estereotipados da “bicha louca” e/ou afetados e afeminados; e personagens homossexuais dentro de um modelo considerado heteronormativo. Como apontam Vardiero e Campos (2022), somente com a chegada dos anos 2000 a temática passou a apresentar pautas do coletivo, por exemplo, a abordar homofobia como crime e a adoção de crianças por casais homossexuais.

Além disso, a telenovela ainda nos permite perceber como o estigma, pensado por Goffman (2004), está ligado às condutas morais, na medida em que os indivíduos que estabelecem padrões tendem a depreciar aquilo que não é estabelecido como “normal”, o que cria a relação entre atributo e estereótipo, e reflete na construção de tais personagens nas novelas.

Tal comportamento “estigmatizador” da sociedade, dentro da comunidade de dissidentes sexuais e de gênero, é uma das ferramentas que possibilita a criação de “armários”, que, como definido por Sedgwick (2007), representa uma característica fundamental da vida social do coletivo, e “há poucas pessoas, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora” (SEDGWICK, 2007, p. 22).

Neste sentido, a telenovela surge como um instrumento para abrir diálogos com a população sobre as mais variadas pautas, inclusive sobre as relações afetivas e sexuais de homens que se relacionam com outros homens. De acordo com Lopes (2003), o repertório compartilhado está na base das representações de uma comunidade nacional imaginada que a TV capta, expressa e, constantemente, atualiza. Neste contexto, a

novela se torna um agente significativo para o desenvolvimento de um novo espaço público.

Para falar sobre homens que se relacionam com outros homens nas teledramaturgias da Rede Globo, é necessário retomar a noção de que a novela é uma representação do imaginário nacional dentro do contexto social do país. Além disso, a ficção e a realidade permitem que as diferentes vivências convivam em harmonia por meio da troca de experiências. De acordo com esse ponto de vista, da mesma forma que as telenovelas são capazes de pautar conversas que ocorrem na sociedade, as histórias novelísticas também podem ser construídas a partir de situações que as pessoas e/ou a sociedade vivem e podem gerar intensos graus de empatia, conexão e interação.

Assim, a telenovela pode desempenhar um papel significativo na sociedade e servir como um mediador em vários contextos. Como enfatizam Lopes, Borelli e Resende (2002), possibilita que se discuta mais os problemas relativos ao cotidiano em novelas que em alguns telejornais.

“EU SOU MACHO”

Exibida desde o dia 8 de maio de 2023, Terra e Paixão se passa em Nova Primavera, no Mato Grosso do Sul, e narra a história da professora Aline (Barbara Reis), que tem a vida transformada após a morte do marido Samuel (Italo Martins), assassinado pelos capangas de Antônio La Selva (Tony Ramos), o produtor rural mais poderoso e temido da região. Mesmo sem nunca ter plantado um grão, Aline não desiste do sonho do falecido marido de transformar a fazenda em um negócio lucrativo e entra em conflito com os La Selva.

Diante deste cenário, a obra ficcional debate questões importantes como a reforma agrária e a luta por terras, mas, por meio de núcleos secundários, discute temas como as masculinidades, as dissidências sexuais e de gênero e o preconceito com indivíduos que não se enquadram na heteronormatividade, entre eles, os personagens Kelvin (Diego Martins) e Ramiro (Amaury Lourenço), foco deste trabalho.

A história entre os personagens Kelvin e Ramiro, em Terra e Paixão, tem causado alvoroço no público que acompanha o enredo descrito por Walcyr Carrasco. Na obra, Kelvin é homossexual assumido e representa um garçom simpático e bem-humorado. Tem falas maldosas, faz piadas, mas é um amigo real de Cândida (Susana Vieira) e de

Caio (Cauã Reymond). Já Ramiro (Amaury Lorenzo), é capataz de Antônio (Tony Ramos) e faz o que o patrão mandar, inclusive recorrer à violência. Todavia, vive em conflito com a própria masculinidade ao se envolver com Kelvin.

A possível insinuação de um relacionamento entre os personagens começa na cena “Kelvin marca um encontro secreto com Ramiro”⁴. Durante o ato, o garçom, com segundas intenções, oferece ao peão dos La Selva o serviço sexual realizado pelas meninas do bar de Cândida (Susana Vieira), como se tentasse descobrir qual a orientação sexual do capataz. Durante a passagem, Ramiro, grosseiramente, diz que não perguntou por nenhuma delas. Neste momento, já é possível perceber características da masculinidade hegemônica por parte de Ramiro, por exemplo, a agressividade e a busca pela dominação do companheiro de cena.

Ao perceber o comportamento do capataz, Kelvin insinua que ele mesmo pode oferecer algo mais discreto a Ramiro, que fica entusiasmado e pede que o garçom anote o número do telefone no seu celular, mas que seja “bem discreto”. A encenação aponta para indícios que o capataz teria interesse sexual em se relacionar com o garçom, desde que fosse um envolvimento marginalizado, sem o conhecimento da comunidade de Nova Primavera, para não expor a fragilidade de sua masculinidade.

Ramiro despista no bar, enquanto o garçom anota “discretamente” o número do telefone. Todavia, quando Kelvin coloca o celular no bolso traseiro do capataz, há um momento de desconforto, por ter outro homem encostando em seus glúteos. No momento, o capataz faz uma ameaça: “Se você contar para alguém, eu te estrangulo”. Mais uma vez, age com agressividade para exercer poder em outra pessoa, que não possui os mesmos atributos de masculinidade que ele.

Em sequência, tem como resposta do garçom que ele é “discretíssima”, recorrendo a palavra feminina. Ramiro se sente desconfortável pela feminilidade apresentada por Kelvin e faz uma vocalização (êeeeeeh) - que se torna a marca do personagem - para demonstrar a própria masculinidade e reforçar que, apesar do interesse em ter relações com Kelvin, que ele continua sendo macho.

Para finalizar a passagem, Kelvin imita a vocalização de Ramiro e diz que também é macho, para insinuar que não haveria possibilidades de alguém suspeitar de uma possível relação sexual entre os dois homens.

⁴ disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11638557/>. Acesso em 11 de agosto de 2023.

A partir dessa cena, o envolvimento entre os personagens ganha novos contornos. Para analisar as cenas indicadas “Kelvin e Ramiro se encontram escondidos” e “Ramiro não sabe lidar com seus sentimentos por Kelvin”, usaremos a metodologia Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho 2016; 2018) e optamos por quatro eixos de análise: 1. percepção acerca dos indícios apresentados pela masculinidade encenada pelos personagens; 2. o espaço em que acontecem os atos; 3. os gestos que são apresentados ao público; 4. possíveis elementos que trazem emoções para a cena.

Na primeira cena analisada, “Kelvin e Ramiro se encontram escondidos”⁵, o próprio enunciado já apresenta que o encontro dos dois se passa em um lugar discreto, longe de outras pessoas e sem nenhuma movimentação. A encenação acontece em um ambiente escuro e demonstra que Kelvin se submeteu à masculinidade hegemônica de Ramiro para que pudessem conversar em um local que não colocasse a masculinidade de Ramiro em jogo.

Como primeiro ato, Kelvin sai escondido do bar, local em que trabalha, com uma cerveja na mão para entregar a Ramiro. A movimentação do garçom acontece de forma discreta para que nenhum outro personagem pudesse identificar o que ele iria fazer e com quem ele se encontraria.

Já no local combinado, Ramiro comenta que Kelvin demorou para chegar, exercendo poder sobre o companheiro de cena que deveria ter cumprido o combinado. O garçom responde que não poderia sair do trabalho, mas que, ainda assim, foi ao encontro do capataz e para agradá-lo ainda levou uma “cervejinha” - bebida tipicamente masculina tomada pelos peões da região.

Enquanto entrega a bebida para o peão, Kelvin faz uma movimentação de dança e pede que Ramiro faça o mesmo, mas o capataz diz: “Que dançar o quê?”, insinuando que esse não fosse um comportamento masculino e, mais uma vez, sugere que o personagem homossexual apresenta características femininas.

Durante o diálogo, Ramiro comenta que gosta de conversar com Kelvin. Logo, a cena demonstra que a fala do capataz mexeu com os sentimentos do garçom. Em seguida, o personagem homossexual mostra uma postura estereotipada da mulher apaixonada que se derrete pelo homem amado.

⁵ Disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=203264402646481> . Acesso em 11 de agosto de 2023.

Ao notar o comportamento do garçom, Ramiro diz que ele pode entrar no seu carro, insinuando que de forma discreta poderia acontecer algo mais, por exemplo, uma troca de beijos ou sexo. O garçom ao perceber a movimentação diz que o capataz quer “safadeza”, mas que não vai se submeter a isso, pois ele é quase “virgem”.

Ramiro insiste para que o garçom entre no carro, mas Kelvin fica relutante e, apesar da dúvida, não entra, mas diz que se Ramiro vier de madrugada que até seria possível “rolar” algo. O capataz diz que não pode, pois acorda cedo e enfatiza: “eu sou homem trabalhador”.

O capataz então, carinhosamente, passa a mão bruta no rosto de Kelvin e pede para que ele fique mais tempo e entre no carro. O garçom pede para que o peão não insista, mas Ramiro avança para o companheiro de cena como se fosse beijá-lo naquele momento.

Apesar da movimentação, Ramiro respeita Kelvin que diz: “a gente acha uma hora ainda, tá gatão?” e passa a mão pelo peitoral do capataz que fica incomodado e vocaliza: “êêêêêeh”, sendo imitado pelo garçom que usa da artimanha para simular que também é macho e que tudo deve ser mantido em descrição. O garçom vai embora e a cena finaliza.

Já na segunda cena, “Ramiro não sabe lidar com seus sentimentos por Kelvin”⁶, a encenação fica mais intensa. Apesar de continuar a ser desenvolvida em um espaço privado e longe de tudo e de todos, Ramiro leva Kelvin para passear próximo a um rio durante o dia.

A paisagem é clara e composta por árvores e um riacho. Mais uma vez, o garçom apresenta características mais próximas a um perfil feminino, tanto dentro do contexto de vestimenta quanto no comportamento.

Diferente da cena anterior, Ramiro o olha com mais carinho e toca uma música ambiente que traz leveza e instiga o público a perceber a mudança comportamental do capataz, que troca o seu estilo rústico e bruto por um olhar mais brando e carinhoso, como se pudesse ser ele mesmo longe dos demais moradores de Nova Primavera.

O capataz conta que resolveu levar Kelvin àquele lugar para contar algo e, antes que pudesse continuar, o garçom diz que ali é um lugar romântico. Então, Ramiro explica que não é romantismo, mas uma questão de “juízo”.

⁶ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/11739470/>. Acesso em 11 de agosto de 2023.

No ato, o peão começa a confessar: “É que você fica me atentando. Dizendo umas coisas que ficam martelando na minha cabeça”. O garçom abre um sorriso, esperando que Ramiro se declare, e conta que fica feliz em saber que o amado pensa nele. Porém, o peão continua a conversa e diz que vai falar do jeito dele. Os dois se aproximam, como se fossem se beijar, o BG com a música “sinônimo de amor é amar” fica mais alto e, no auge da cena, Ramiro diz: “Toma seu prumo, criatura!”, indiciando que o homossexual prejudica a sua postura de homem macho.

Kelvin fica decepcionado e, com os olhos marejados, pergunta se o capataz não gosta dele. Ramiro responde que gosta, insinua que eles são parceiros de algum crime, mas que esse contato faz com que ambos fiquem “querendo umas coisas” que “homem como eu não faz”.

Diante dessa confissão, Kelvin não fica com medo, provoca o capataz, e pergunta se ele iria afogá-lo naquele rio. Ramiro o abraça fortemente pelas costas e diz: “ Você grudou em mim feito carrapato, mas vai ter que sair”. O garçom diz que tem dúvida e os lábios dos dois quase se encostam mais uma vez.

Ramiro joga Kelvin no rio e o BG com a música tema dos dois “Me deixa sem jeito” sobe. A letra da canção também traz indícios sobre a fragilidade da masculinidade do capataz ao dizer: “esse amor escondido, minutos contados, amor proibido, sabor do pecado”. Juntamente à cena, a musicalidade permite a interpretação do romance entre os dois, mas também traz a tona que, dentro daquela narrativa ficcional, a relação afetiva e sexual entre pessoas do mesmo sexo é vista como algo dissonante do que é considerado normal, mantendo Ramiro dentro do armário.

A cena termina quando Kelvin diz que não sabe nadar e Ramiro pula na água para salvá-lo. Ao socorrê-lo, o abraça com força, mas Kelvin se rebela e manda o peão sair de perto dele. O fato de não saber nadar foi apenas uma tática ardilosa para mexer com os sentimentos do capataz.

Kelvin nada até as margens do rio e vai embora, enquanto Ramiro fica nervoso na água por não saber lidar com seus sentimentos.

A ARTE IMITA A VIDA OU A VIDA IMITA A ARTE?

A partir do que foi exposto, algumas considerações precisam ser feitas. O recorte foi realizado com a novela em andamento, logo outras perspectivas sobre o

relacionamento dos personagens já tiveram sequência. Contudo, dentro da proposta desta análise, algumas questões já foram sinalizadas dentro das perspectivas de masculinidade, masculinidade hegemônica, a relação afetiva e sexual entre homens e o papel da telenovela para tratar sobre o tema.

A caracterização do personagem Ramiro representa um homem, com interesses sexuais e afetivos por outro homem, mas que por ser um capataz e ter uma postura masculina, aponta para características agressivas e viris, tem medo ter um relacionamento com Kelvin e ser desmoralizado publicamente e, conseqüentemente, perder o respeito dos outros personagens da trama.

Sempre dirigindo uma caminhonete e com roupas discretas, Ramiro é uma vítima da heteronormatividade e das normativas impostas pela masculinidade hegemônica. Tanto que, nas cenas selecionadas, o relacionamento com Kelvin se passa sempre em lugares privados, longe de outras pessoas e Ramiro sempre demonstra o quanto se sente a vontade com o garçom, assumidamente homossexual.

A narrativa de Ramiro nos remete a histórias de muitos homens que, por questões sociais, familiares, políticas, econômicas ou por causa de outros marcadores sociais, precisam viver em uma espécie de armário para que não sejam excluídos, desmoralizados ou passar por violências físicas e simbólicas. No caso do capataz, que na trama faz serviços sujos, o relacionamento com outro homem faria com que ele perdesse o poder que exerce sobre as outras pessoas. Constantemente o peão luta para romper com os próprios armários.

Já o caso do personagem Kelvin nos aponta para outra perspectiva. Caracterizado com roupas que são estereotipadamente femininas, o garçom traz habilidades que, geralmente, são destinadas ao público feminino: companheirismo, apoio, submissão ao amado, artilosidade, pensamento rápido e, assim como a parábola de Adão e Eva, também traz a ideia do pecado, de ser o elemento que atenta o personagem masculino para desviar o seu estilo de vida masculinizado para o pecado.

Kelvin é extravagante, abusa do humor e dos exageros para demonstrar seus sentimentos, fazendo artimanhas para conquistar Ramiro, independente do que seja necessário. Como cita Machado (2017), o garçom gay, claramente, não é visto como um homem, pois as suas características são muito diferentes daquilo que é esperado de um “homem macho”, como Ramiro costuma dizer.

Kelvin é a personificação de todos os estereótipos da homossexualidade: afeminado; criminoso ao participar de atividades ilícitas e ser cúmplice de Ramiro e Luigi (Rainer Cadete) em esquemas de assassinato e estorção financeira, por exemplo; Afetada por ter um comportamento exagerado; e Heteronormativa, pois se submete às discricões de Ramiro. Só não é “enrustida”, porque esse papel é realizado na trama pelo capataz, que busca se enquadrar nas normativas sociais de Nova Primavera.

Porém, apesar de tantos estereótipos negativos, percebemos na narrativa de Kelvin que, apesar de não se enquadrar nas características propostas pelas masculinidades, que o garçom cria uma certa representatividade ao coletivo por ser uma forma de resistir a tais padrões. Em algumas cenas, por exemplo, Kelvin insinua para outros homens que não se vence uma batalha pela força ou pela virilidade, mas pela inteligência. Essas sacadas do personagem são introduzidas desde o início de Terra e Paixão.

Diante deste cenário em que a vida imita a arte ou que a arte imita a vida, alguns questionamentos ficam para o público: Quem não conhece uma história como a de Ramiro? Quem nunca viu os mais diversos Kelvins que permeiam a sociedade? A telenovela, como um recurso comunicativo (Lopes, 2009) e como uma narrativa de nação (Lopes, 2003), mais uma vez, traz o debate sobre a temática para a sociedade e nos faz repensar tais questões, não apenas nos campos de pesquisa e ensino, mas traz a reflexão sobre o tema para os milhares de espectadores que acompanham a novela pela tv aberta, streaming, celular ou redes sociais.

Como a telenovela ainda está em exibição, não temos uma consideração final, mas esperamos que a obra cumpra o seu papel pedagógico junto com a sociedade e apresente um final feliz.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, H.B. **Telenovela, Consumo e gênero “muitas mais coisas”**. São Paulo SP /EDUSC, 2002
- ALMEIDA, D.M.V. **Performatividades gays [manuscrito] : um estudo na perspectiva brasileira e argentina**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Estudos Linguísticos, 2016.
- COLLING, Leandro. **Mais visíveis e mais heteronormativos : a performatividade de gênero das personagens não - heterossexuais nas telenovelas da Rede Globo**. In: Estudos e política do CUS - Grupo de Pesquisa Cultura e Sexualidade/Leandro Colling e Djalma Thürler (organizadores). - Salvador: Edufba, 2013.
- CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: Versos, 2016.

- COUTINHO, I. **Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual: da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade.** In: Emerim, C.; Coutinho, I.; Finger, C. (orgs.). Epistemologias do telejornalismo brasileiro. Coleção Jornalismo Audiovisual. V7. Florianópolis: Insular, 2018.
- COUTINHO, I. **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível.** In: Anais [...] XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo: ECA-USP, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade: A vontade de saber.** Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque; J.A. Guilhon Albuquerque. vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- GOFFMAN, E. **Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** Tradução LAMBERT, M. New Directions, 2004.
- JANUÁRIO, S.B. **Masculinidades em (re)construção: Gênero , Corpo e Publicidade.** Covilhã, 2016.
- MACHADO, Felipe Viero Kolinski. **Homens que se veem : masculinidades nas revistas Junior e Men’s Health Portugal.** – Ouro Preto : Editora UFOP, 2018
- MACHADO, Felipe Viero Kolinski. **“E mesmo ameaçado eu serei cada vez mais viado”:** **Considerações sobre o pop como espaço de existência/resistência para a criança viada.** Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v. 3, p. 288-304, 2020.
- LOPES, M.I.V. **Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação.** Comunicação e Educação, São Paulo, n. 26, p. 17-34, jan.-abr. 2003.
- LOPES, M.I.V. **Telenovela como recurso comunicativo.** Matrizes, São Paulo, n. 1, ano 3, p. 21-47, 2009.
- LOPES, M.I.V; BORELLI, S.H.S; RESENDE, V.R. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficionalidade.** São Paulo: Summus, 2002
- MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças.** 2ed - Belo Horizonte: Autêntica Editora : UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.
- SEDGWICK, E.K. **A epistemologia do armário.** In: cadernos pagu (28), janeiro-junho de 2007:19-54.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade.** 4 edição rev., atual. e amp. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- VARDIERO, Talison Pires. CAMPOS, Fernanda de Façanha. **Para além de gado, onças e sucuris: a novela Pantanal e a discussão sobre a homofobia.** Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho Mídias Contemporâneas e práticas socioculturais do XVI Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 26 setembro de 2022.